

Fazer o impossível para salvar o mundo



Em entrevista ao *JE*, a escritora, ex-deputada e feminista Rose Marie Muraro afirma ser preciso fazer o impossível para salvar o mundo, dos males provocados por séculos de uma exploração predadora dos recursos da natureza e de um modo de vida e de exercício do poder que degradam, continuamente, as condições de sobrevivência no planeta. Para essa mulher de 75 anos, os jovens de hoje “têm nos ombros uma tarefa que nenhuma geração teve na história humana: a de corrigir os erros que em milhares de gerações, acumulados, vieram ocorrer”. E que é preciso, para salvar a vida na Terra, fazer prevalecer a lógica feminina da partilha, da solidariedade e da propriedade comum sobre as coisas. **Página 8**



Plínio de Arruda Sampaio Jr.:
“O PAC não ataca as causas do que se propõe resolver”

3

Prefeitura abandona mais da metade das metas da Agenda Social do Pan

15

editorial

Uma mulher impossível

■ Autora de vários livros, um dos últimos a sua autobiografia – “Memórias de uma mulher impossível” – a escritora, feminista e ex-deputada Rose Marie Muraro permanece fiel à sua trajetória, colecionando polêmicas e desafiando tabus.

Em entrevista ao *JE*, ela falou das lutas das mulheres que, nos dias de hoje, ganharam novas formas e estão espalhadas pelos vários poros e instâncias dos Estados, influenciando e influenciando as políticas públicas em busca de uma outra lógica, que não a dos homens, que semeou as guerras, a violência e a destruição das próprias condições do viver.

Para esta mulher, de sólida formação científica e cuja vida é marcada pela superação dos limites do impossível, o mundo precisa se reorganizar e as sociedades se reinstituírem a partir da lógica feminina, da partilha e da solidariedade, da propriedade comum sobre as coisas, de modo a resgatar no tempo as possibilidades de recuperação da vida e do planeta, ambos ameaçados pela destruição de séculos de uma existência predadora.

Apesar de reafirmar seu ceticismo em relação à “hora humana” e de não acreditar que o planeta tenha muito mais décadas pela frente – “acho que é tarde demais” –, se não forem mudadas, radicalmente, as condições de existência na Terra, Rose Marie Muraro cita exemplos como o da queniana Wangari Maathai, bióloga e Prêmio Nobel da Paz, que já plantou milhões de mudas de árvores, no caminho inverso da destruição e desertificação do planeta. Ou seja, mesmo com todo o pessimismo, ela mesma ainda alimenta a esperança de que um outro mundo é possível, desde que superada a lógica que o vem destruindo ao longo de nossa existência.

A leitores e leitoras e, em especial, a estas, o *JE* dedica esta edição, trazendo as opiniões, exemplos e pontos de vista desta mulher impossível.

SUMÁRIO

3 Plínio de Arruda Sampaio Jr.
**O PAC não vai resolver:
ele é um pouco mais do mesmo**

6 Graciela Rodriguez
Novos desafios para as mulheres



8

Entrevista -
Rose Marie Muraro
**Idéias e pensamentos
de uma mulher
impossível**

12 Rogério Rocha, Emerson Araújo,
Leandra Rosa e Nelza Curambiçua
**Mão-de-obra feminina
em Nova Iguaçu**

15 Fórum Popular de Orçamento
**Prefeitura "esquece" metas
da agenda social**

16 **Conselho entrega premiação aos vencedores
do III Prêmio de Jornalismo Econômico**

O Corecon-RJ apóia e divulga o programa Faixa Livre, apresentado por Paulo Passarinho, de segunda à sexta-feira, das 9h às 10h30min, na Rádio Bandeirantes, AM, do Rio, 1360 khz.

JE JORNAL DOS
ECONOMISTAS

Órgão Oficial do CORECON - RJ
E SINDECON - RJ
Issn 1519-7387

Conselho Editorial: Gilberto Alcântara, Gilberto Caputo Santos, José Antônio Lutterbach Soares, Paulo Mibielli, Paulo Passarinho, Rogério da Silva Rocha e Ruth Espinola Soriano de Mello • **Editor:** Nilo Sérgio Gomes • **Projeto Gráfico e diagramação:** Rossana Henriques (21) 2462-4885 - rossana.henriques@gmail.com • **Ilustração:** Aliedo • **Caricaturista:** Cásio Loredano • **Fotolito e Impressão:** Tipológica • **Tiragem:** 13.000 exemplares • **Periodicidade:** Mensal • **Correio eletrônico:** imprensa@corecon-rj.org.br

As matérias assinadas por colaboradores não refletem, necessariamente, a posição das entidades. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta edição, desde que citada a fonte.

CORECON - CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA/RJ

Av. Rio Branco, 109 – 19º andar – Rio de Janeiro – RJ – Centro – Cep 20054-900
Telefax: (21) 2103-0178 ramal 22 • **Correio eletrônico:** corecon-rj@corecon-rj.org.br
Internet: http://www.corecon-rj.org.br

Presidente: João Paulo de Almeida Magalhães • **Vice-presidente:** Paulo Sergio Souto
Conselheiros Efetivos: 1º terço (2005-2007): Reinaldo Gonçalves, Ruth Espinola Soriano de Mello, João Paulo de Almeida Magalhães – 2º terço (2006-2008): Gilberto Caputo Santos, Antonio Melki Junior, Paulo Sergio Souto – 3º terço (2007-2009): Carlos Henrique

Tibiriçá Miranda, Sidney Pascotto da Rocha, José Antonio Lutterbach Soares • **Conselheiros Suplentes:** 1º terço (2005-2007): Arthur Camara Cardozo, Carlos Eduardo Frickman Young, Regina Lúcia Gadioli dos Santos – 2º terço (2006-2008): Antônio Augusto de Albuquerque Costa, Edson Peterli Guimarães, José Fausto Ferreira – 3º terço (2007-2009): Angela Maria de Lemos Gelli, Sandra Maria Carvalho de Souza, Rogério da Silva Rocha.

SINDECON - SINDICATO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RJ

Av. Treze de Maio, 23 – Gr. 1607 a 1609 – Rio de Janeiro – RJ – Cep 20031-000 • **Tel.:** (21)2262-2535
Telefax: (21)2533-7891 e 2533-2192 • **Correio eletrônico:** sindecon@sindecon.org.br

Coordenador Geral: Sidney Pascotto da Rocha • **Coordenador de Assuntos Institucionais:** Sidney Pascotto da Rocha • **Secretários de Assuntos Institucionais:** André Luiz Silva de Souza e José Antônio Lutterbach Soares • **Diretores de Assuntos Institucionais:** Abraão Oigman, Antônio Melki Júnior, Nelson Victor Le Cocq D'Oliveira, Paulo Sergio Souto, Ronaldo Raemy Rangel e Sandra Maria Carvalho de Souza • **Coordenador de Relações Sindicais:** João Manoel Gonçalves Barbosa • **Secretários de Relações Sindicais:** Carlos Henrique Tibiriçá Miranda e Wellington Leonardo da Silva • **Diretores de Relações Sindicais:** Ademir Figueiredo, César Homero Fernandes Lopes, Gilberto Caputo Santos, José Fausto Ferreira, Maria da Glória Vasconcelos Tavares de Lacerda e Regina Lúcia Gadioli dos Santos • **Coordenador de Divulgação, Administração e Finanças:** Gilberto Alcântara da Cruz • **Diretores de Divulgação, Administração e Finanças:** José Jannotti Viegas e Rogério da Silva Rocha • **Conselho Fiscal:** Antônio Augusto Albuquerque Costa, Jorge de Oliveira Camargo e Luciano Amaral Pereira.

O PAC não vai resolver: ele é um pouco mais do mesmo

Neste e no próximo número do JE estaremos ampliando o debate sobre o PAC, iniciado na última edição, com os professores João Paulo de Almeida Magalhães e João Sicsú, da UFRJ. Para isso publicaremos edições resumidas das palestras dos professores Plínio de Arruda Sampaio Jr. e Marcio Pochmann, da Unicamp, no seminário promovido pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento (CED), formado pelo Conselho Regional de Economia e o Sindicato dos Economistas do Rio de Janeiro.



■ Plínio de Arruda Sampaio Jr.*

O primeiro ponto é que o PAC é uma política de crescimento econômico. O que se pretende? Acelerar o crescimento. Ou seja, o PAC não é uma política de desenvolvimento. E o que isto quer dizer? Não há nenhum objetivo de se promover mudanças qualitativas na economia brasileira, na forma de inserção do Brasil na economia mundial, mudanças na relação do Estado com a economia e na relação capital/trabalho. Não se propõe isto, e a que se propõe o PAC?

Ele propõe potencializar o crescimento econômico dentro do padrão de acumulação em curso, que chamo de padrão de acumulação neoliberal periférico. É o mesmo modelo implantado pelo Collor, consolidado por Fernando Henrique Cardoso, reciclado, legitimado e aprofundado pelo Governo Lula. Então, estamos dentro do mesmo modelo econômico. Isso quer dizer o quê? Que os problemas fundamentais do povo brasileiro não serão atendidos pelo PAC e nem o PAC pretende atendê-los. O desemprego, a desigualdade social... tudo isso não é objetivo do PAC.

E o que o PAC pretende? Pretende aumentar o potencial de crescimento da economia brasileira, dentro do próprio modelo. É claro que se lograr o objetivo de a economia crescer 5% ao ano, os problemas gerados pelo modelo

O PAC foi apresentado pelo governo e recebido por parte da opinião pública econômica do país, à direita e à esquerda, como uma espécie de guinada, uma virada, uma outra política econômica. Alguns chegaram até a afirmar que se voltava a um padrão de regulação estatal da economia brasileira. Em minha opinião, o PAC representa um pouco mais do mesmo, não há nenhuma mudança qualitativa na política econômica. Ele não vai significar uma mudança de qualidade na trajetória da economia brasileira, nas últimas três décadas. Mas é importante tentar entender porque a economia brasileira está encalacrada, em uma situação que não resolve os problemas do país, começa deteriorar, a olho nu, a sua infra-estrutura e não oferece nenhum horizonte de saída.

serão minorados. Ou seja, o modelo é muito ruim quando funciona e é ainda pior quando não funciona, isto é, quando cresce pouco. Mas, de qualquer maneira, os problemas fundamentais do emprego, subemprego, da pobreza, das desigualdades, não são abordados pela política do PAC. E o que ele propõe? Potencializar o crescimento da economia brasileira, dentro do padrão de acumulação neoliberal periférico.

Mas as medidas adotadas pelo PAC serão totalmente insuficientes para destravar a economia. Por quê? Porque o preço da inflação baixa é o crescimento baixo. Porque o preço deste padrão de inserção internacional é uma economia extraordinariamente instável e rendida ao rentismo. E por isso as medidas adotadas não vão surtir efeito.

O PAC não ataca as causas dos problemas que se propõe resolver

O que é o PAC? É um programa de investimentos concentrado em infra-estrutura. São investimentos importantes e o próprio PAC dá uma urgência a eles, porque o padrão de acumulação em curso é predador, está depredando nossa infra-estrutura. O país enfrenta o risco de um apagão energético, nos transportes, portos, aeroportos – e por quê?

Porque esta política econômica sucateia, arrasa a capacidade do setor público em investir. Mas é interessante que isto seja dito por uma voz oficial: o próprio PAC reconhece a gravidade dos problemas, o que já de cara deixa a economia brasileira em uma situação paradoxal. Em que sentido? De que temos uma economia que está com capacidade ociosa e, simultaneamente, em plena capacidade. Uma economia que cresce pouco, mas que se começar a cres-

cer muito terá problemas, pontos de gargalo. Por quê? Porque não se investe em infra-estrutura há muito tempo.

Quem pegar a curva de investimento público e, sobretudo, em infra-estrutura, vai ver o tamanho do arrocho feito na capacidade do setor público desenvolver a infra-estrutura nacional. Para alcançar os investimentos, o PAC irá mobilizar dois atores: o setor público e a iniciativa privada. Conclamar a iniciativa privada a mobilizar seus *animal spirits* e o setor público a investir. Contudo, não cria condições para que nem um e nem outro possam fazer os investimentos necessários. Por quê?

Porque não ataca nenhuma das causas estruturais dos problemas que pretende resolver. E o que pretende? Resolver o gargalo da infra-estrutura, do baixo crescimento, fazendo investimento público e privado. Mas sem criar possibilidade de investimento público e/ou privado. Por quê? Porque não ataca as causas do problema: baixíssima capacidade de investimento do setor público; inapetência da iniciativa privada para investimentos de longo prazo, em grandes volumes, em setores de baixa rentabilidade; e a ciranda financeira que transformou o Brasil em paraíso da especulação.

Esses problemas todos não foram tocados pelo PAC. É grave, porque esses são os problemas que impedem o investimento e o crescimento da economia brasileira. Esses problemas estão associados a um padrão de acumulação do capital, que subordina o Brasil aos movimentos do grande capital internacional. E ao fazer isso desloca o eixo dinâmico da economia para o exterior. A economia brasileira vai bem, ou menos pior, quando a economia mundial vai bem; e vai muito mal



quando a economia mundial vai mal. E não só se desloca o eixo dinâmico para o exterior como se subordina a política econômica à lógica do rentismo. Enquanto essas duas variáveis permanecerem, o comportamento da economia brasileira será sempre de altíssima incerteza, grande instabilidade, crescimento medíocre.

Isso tudo não foi tocado, e não foi tocado porque o PAC não modifica em nada a orientação básica da política econômica, cujo núcleo duro são as metas inflacionárias, ajuste fiscal permanente, câmbio flutuante e liberalização e internacionalização da economia brasileira. É este o circuito. Enquanto este círculo de ferro permanecer, a economia brasileira está condenada a crescer pouco. E isto é muito ruim para os brasileiros, mas não é muito ruim para o grande capital. Ao contrário, para ele é muito bom.

As fontes de investimento

Portanto, este pacote, em minha opinião, terá um efeito muito pequeno no crescimento da economia brasileira, que estará dependendo dos humores da economia internacional. Dois setores foram mobilizados para fazer o investimento – o setor público e a iniciativa privada. Por que o setor público não vai cumprir com os desafios que lhe foram colocados? Porque o orçamento públi-

co não foi libertado da lógica do ajuste fiscal permanente. Ou seja, não há recurso para fazer investimento público. E por que? Porque o investimento público não é prioridade do Estado. E qual é a prioridade do Estado? É pagar os juros da dívida pública, e esta prioridade continua absolutamente intocável, soberana, é ela que comanda.

O PAC reduz em meio ponto percentual do PIB os recursos fiscais do superávit e aloca isso para investimento. É suficiente para o tamanho da tarefa? Não. É muito pouco e insuficiente. Outra fonte onde o governo vai pegar dinheiro é no arrocho do funcionalismo. O que se ganha de economia, se perde pela desorganização do Estado, pela capacidade gerencial do Estado. E outro lugar são os chamados fundos de investimento, criados pelo governo. Só que como ele não quebra a mola da Lei de Responsabilidade Fiscal, não liberta a política fiscal do ajuste permanente, da necessidade de gerar gigantescos superávits fiscais.

A iniciativa privada foi convocada para suprir este vazio. Só que ela não vai, evidentemente, entrar em campo. Ela não vai preencher este vazio porque a lógica da valorização do capital indica que ela deve preferir a valorização na esfera financeira do que na esfera produtiva. Qual é a estratégia do PAC para atrair a iniciativa privada para

o investimento? Diminuir a brecha entre a eficiência marginal do capital e a taxa de juros. E o que ele faz em relação à taxa de juros? Nada. Ele pede, suplica, para que o Meirelles (Henrique Meirelles, presidente do BC) baixe a taxa de juros, faz jogo de cena, de mídia, mas de concreto não faz nada. Ou seja, o Banco Central ainda não deu a independência operacional ao governo brasileiro. O governo brasileiro continua sem independência em relação ao BC. Ou seja, o Estado não tem autonomia operacional para poder mexer na moeda.

Já que a taxa de juros não cai, se aumenta a rentabilidade dos investimentos. Como? Primeiro, um festival de isenções fiscais, arrocho salarial, em que o Brasil tem grande know how, e criação de fundos de investimentos e a abertura de novas áreas de acumulação para a iniciativa privada. Qual é a idéia? Criar negócios, diminuir os investimentos, diminuir o custo salarial, aumentar a oferta de recursos para ver se a iniciativa privada se anima a sair do rentismo e a fazer investimento produtivo. Por que não vai dar certo, qual é o problema?

A iniciativa privada não investe não é porque seja sádica e goste de ver desemprego. É porque o cálculo capitalista indica que a estratégia mais racional é valorizar a esfera financeira e não a produtiva. Por que os empresários não investem? É porque eles não têm horizonte de investimento. Este é que é o ponto principal. Eles não investem porque predomina na economia brasileira um estado de incerteza estrutural e uma brutal instabilidade e, portanto, é um risco enorme investir na economia brasileira. Vale muito mais a pena, é muito mais racional in-

vestir na esfera financeira e é por isso que eles priorizam o investimento financeiro.

O que é o PAC? Um péssimo começo...

Para gente entender a lógica do PAC é bom a gente ir para a esfera política, afinal de contas, é política econômica. Em última instância são as forças políticas envolvidas e que apoiaram o Governo Lula. O que os brasileiros pensavam, qual foi o sentimento difuso? “Bom, no segundo governo o Lula vai aparecer. O primeiro foi um pedágio que se pagou a esta gente rica brasileira, mas no segundo vai aparecer o Lula para fazer a política mais popular, a distribuição da renda e a economia crescer, para dar uma guinada na política econômica”.

E o que fez Lula? Acomodou as pressões. Como? Ele viu que déficit nominal zero não dá pra fazer; reforma da Previdência, do jeito que eles querem, truculenta, não dá pra fazer. Fez um conselho. O movimento do Lula qual é? Jogar para frente: “não vou fazer uma reforma truculenta, agora. Em compensação, vou parar com aquela minúscula política de distribuição de renda, dentro da massa salarial, do primeiro governo”.

Ou seja, o que faz o governo? Uma política de arrocho do funcionalismo, que retoma a política de FHC, agravada, porque agora institucionalizada com a força do Estado. E promete ao setor público mais uma década de arrocho. E o salário mínimo que estava tendo aumento anual superior a 8%, nos primeiros quatro anos, agora vai ter um aumento muito inferior. Ou seja, que faz Lula? “Eu não dou tudo o que vocês (empresários) pediram, mas cedo numa coisa: aquela minúscula política de distribuição de renda, com caráter universalizante, que eu fazia pelo aumento do salário

mínimo, eu entrego a vocês. Eu renuncio a este instrumento de política econômica”.

Os empresários deram um xeque-mate em Lula? Não. Eles não conseguiram tudo o que queriam. Mas conseguiram avançar um peão importante, que retira do Estado brasileiro o principal instrumento que tinha, dentro desta armadura terrível de política econômica, para fazer política social de caráter universalizante. E o que lhe resta agora é a política compensatória dos Pro-Unis, dos bolsas famílias, enfim, ele agora ficou

bom humor. Porque se a economia brasileira tiver o desempenho que teve nas últimas três décadas, para que o salário mínimo recupere o nível estimado pelo Dieese, que é o nível que o salário mínimo deveria ter para cumprir suas funções constitucionais, o Brasil demandaria 60 anos. Ou seja, nenhum trabalhador, na ativa, e poucos filhos de trabalhadores, na ativa, poderiam ter acesso a esta política.

O PAC, de concreto, é um ataque aos direitos do servidor público, ao salário mínimo, aos aposentados. Do ponto de vista dos



Fotos S. Costa

literalmente reduzido às políticas compensatórias do Fundo e do Banco Mundial.

O que é o PAC, então? É uma política generosa com os empresários, e mesquinha com os trabalhadores. Haverá algum crescimento? Em minha opinião vai ter um efeito inócuo sobre os investimentos. Mas vai ter o efeito tangível e concreto sobre o salário do funcionalismo público e, portanto, sobre a organização do Estado brasileiro, sobre a distribuição de renda, sobre o reajuste do mínimo. Essa Política de Recuperação do Salário Mínimo é uma ironia, acho que é uma gozação. Deve ter alguém de

empresários, o PAC é um conjunto de medidas, todas *ad hoc*, que vai acomodando as pressões que chegam ao Planalto. Do ponto de vista estrutural, o PAC não representa mudança de qualidade na política econômica. Nada foi feito para enfrentar o problema, que é grave, e que o próprio PAC denuncia: o sucateamento da nossa infra-estrutura, por conta da baixa capacidade de gastos do governo brasileiro. Esta baixa capacidade permanece, a absoluta incerteza e instabilidade na economia brasileira permanecem e, portanto, todas as consequências deste padrão perverso de acumulação continuam. O que é o PAC, para finalizar? É um passo atrás na política econômica do Lula. Poderia ter sido pior, mas foi um péssimo começo.

O 8 de março é uma data que o movimento de mulheres gosta de comemorar. Este dia nos traz a atualidade da luta pelos direitos das mulheres, que desde as batalhas iniciais das trabalhadoras têxteis pela redução da jornada de trabalho, no século XIX, vem sendo reafirmada em mil conquistas cotidianas na área dos direitos sexuais e reprodutivos, no combate à violência sexista, na ampliação dos direitos civis etc. Este dia também nos permite fazer um balanço da realidade das mulheres, de quanto avançamos, em um mundo ainda preconceituoso, e de quanto nos resta avançar.

Novos desafios para as mulheres

■ Graciela Rodriguez
Socióloga e coordenadora
Global da IGTN*

Na América Latina e, particularmente, no Brasil dos últimos anos, as mulheres têm aumentado em forma muito significativa sua participação na vida pública e na conquista de direitos. De modo geral, desde os anos 80, estão aumentando a participação na renda, consumindo mais e também liderando mais famílias.

Entretanto, apesar dos avanços que apontamos ainda é preciso enfatizar a existência de fortes desigualdades, especialmente nas distorções no mercado de trabalho

expressas no preconceito e na brecha salarial entre homens e mulheres. Estatísticas demonstram que mesmo com emprego e formação iguais as mulheres ganham até três vezes menos que os homens, especialmente se consideramos as desigualdades para com as mulheres negras.

Muitas e diversas são as razões da permanência de tais desigualdades. No entanto, queremos agora enfatizar alguns elementos pouco explicitados que contribuem atualmente para reforçar esta manutenção. Entre outros aspectos, nos referimos à escassa consideração dessas brechas de gênero nas análises e na formulação das polí-

ticas macroeconômicas e sociais.

Esta ausência da perspectiva de gênero em estudos e programas está contribuindo para manter a invisibilidade das desigualdades entre homens e mulheres, reforçando as distorções e, portanto, não facilitando a superação das mesmas.

Trabalho barato

Neste sentido, analisar as desigualdades entre homens e mulheres deve ser uma prioridade dentro do debate das políticas macroeconômicas, comerciais e de integração regional. De antemão, é necessário levar em conta as implicações



das políticas emanadas do chamado Consenso de Washington, que foram implementadas no Brasil e na América Latina, nas últimas décadas. Tais políticas produziram profundas modificações na vida econômica dos países que passaram por processos de flexibilização produtiva, de privatização dos serviços públicos, de abertura indiscriminada ao capital estrangeiro e de aumento do comércio internacional.

Nos últimos anos, os temas relacionados com o comércio internacional, os investimentos estrangeiros e a flexibilização das leis trabalhistas invadiram as vidas das pessoas comuns. Os trabalhadores e trabalhadoras de todos os continentes se sentem atualmente inseguros diante das empresas transnacionais, que na sua movimentação global à procura de trabalho barato promovem o emprego precário e a redução de direitos trabalhistas. De fato, as regras que estão sendo negociadas, especialmente no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio), favorecem a liberalização dos mercados e protegem os direitos dos investimentos, porém, reforçam as barreiras para a livre circulação dos trabalhadores e trabalhadoras.

Todos estes elementos têm acarretado fortes impactos no modelo de desenvolvimento assumido pelo Brasil e os países da região, cada dia mais direcionado pelas exigências do mercado exportador e menos determinado pelas necessidades do mercado interno, com menor autonomia para a definição das políticas nacionais a serem adotadas, incidindo finalmente na qualidade de vida de homens e mulheres, na equidade social e na equidade de gênero.

Neste contexto, podemos analisar de que maneira muitas considerações sobre direitos econômicos e sociais e, dentre eles, os direitos das mulheres têm sido esquecidos e desrespeitados. Esta situação é o resultado, entre outras razões, da falta de inclusão de uma perspectiva que contemple o gênero, dentre as variáveis prioritárias nas decisões econômicas e políticas.

Assim, se existem nos últimos anos avanços na conceituação do desenvolvimento, envolvendo as dimensões sociais e de gênero, ainda este debate é fortemente pautado na importância do crescimento econômico e da eficiência.

Considerar não só os critérios de mercado, mas sim os aspectos multidimensionais da pobreza e, entre estes, o papel diferenciado de homens e mulheres no cotidiano da vida da população contribuiria para o entendimento mais qualificado das causas das desigualdades de renda no Brasil e no mundo.

Trabalho doméstico: 12% do PIB

Gostaríamos de enfatizar os efeitos específicos das políticas econômicas sobre as mulheres, em função dos papéis que as sociedades destinam a elas. As características do trabalho não-remunerado exercido majoritariamente pelas mulheres na esfera do que chamamos a economia do cuidado, limitam sua inserção nas atividades de mercado. As relações de gênero estabelecem relações de poder e de subordinação entre homens e mulheres, que se expressam nos valores desiguais outorgados ao trabalho nas esferas privada e pública.

Neste sentido, o trabalho doméstico feminino “invisibilizado”, que não tem registro nem contabilização, no caso do Brasil tem sido

calculado e produz uma riqueza correspondente a 12% do Produto Interno Bruto (PIB), um valor próximo ao produzido pela agricultura, mas que não está incluído de forma alguma na remuneração das mulheres.

Por sua vez, os cortes no orçamento público, resultantes do modelo de ajuste estrutural promovido desde as instituições financeiras multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, significaram na prática um freio nas políticas de saúde e educação, que poderiam aliviar a carga doméstica das mulheres com os cuidados familiares, em especial de crianças, doentes e anciãos. A diminuição da prestação desses serviços pelo Estado ou a sua privatização recai, assim, crescentemente sob a responsabilidade das mulheres.

Para completar o quadro dos aspectos macroeconômicos que afetam também em forma desigual as mulheres, devemos mencionar os compromissos comerciais. Os acordos de comércio internacional atualmente em negociação na OMC, que visam entre outras a privatização dos serviços públicos essenciais, vão no caminho de sobrecarregar ainda mais as responsabilidades domésticas das mulheres.

O caso da escalada de privatização dos serviços de água potável pode ser emblemática. Em diversas situações onde analisamos esse tipo de privatização, utilizando sempre a justificativa da melhoria do serviço, encontramos que para a maioria das mulheres o resultado continua sendo o trabalho de carregar água para dentro de casa e a gestão cotidiana da escassez, em penosas condições que aumentam finalmente a carga de trabalho doméstico.

Por esses motivos dizemos que a liberalização comercial, seja uni-



lateral ou negociada, não tem sido neutra em termos de gênero. A importância crescente dada ao comércio como promotor do desenvolvimento dos chamados países não desenvolvidos acentua a necessidade de entender melhor os vínculos entre a liberalização comercial e sua normativa com a pobreza e o gênero. De fato, a raça e o gênero são dois atributos que diminuem as probabilidades que uma pessoa enfrenta para sair da pobreza.

Deste modo, incluir a equidade de gênero entre os temas das negociações comerciais deverá contribuir para que a sociedade possa utilizar o comércio internacional como um instrumento útil para impulsionar um desenvolvimento inclusivo, onde se busque a qualidade de vida de homens e mulheres. As mulheres avançamos muito até agora, porém ainda temos muito que avançar. A globalização econômica nos coloca novos desafios.

Reencontrar a centralidade da luta pelos direitos das mulheres, superando a lógica do consumo e do lucro acima de tudo, contribuirá certamente para a igualdade de gênero, com conseqüências na diminuição da pobreza e na construção de uma sociedade mais equitativa e democrática.

* *International Gender and Trade Network*; www.igt.org.

Entrevista **Rose Marie Muraro, Escritora**

Idéias e pensamentos de uma mulher impossível

Muito já se disse e escreveu sobre Rose Marie Muraro, desde os desafios que aprendeu a vencer, a partir das primeiras luzes – nasceu cega, proibida de ler, casar e ter filhos – até suas participações nas lutas políticas e sociais do país, seja como assistente de d. Hélder Câmara ou como líder feminista, que trouxe ao Brasil a polêmica Betty Friedan. Mas o *JE* quando lhe convidou para uma entrevista na edição de março, o mês do Dia Internacional da Mulher, tinha por interesse saber o que pensa esta mulher sobre as mulheres, o Brasil, a política e as lutas femininas dos dias de hoje. Rose continua ativa, escrevendo livros e falando o que pensa. Para ela, se não mudarmos o modo de viver a vida em nosso planeta estará com os dias contados.



Jornal dos Economistas – Nos últimos anos, o Dia Internacional da Mulher vem sendo muito menos de passeatas e, bem mais, da distribuição de flores às mulheres, por empresas, amigos e namorados. É um deslocamento de sentidos?

Rose Marie Muraro – Já entrou no *establishment*... Todas as firmas, hoje, fazem a comemoração do Dia da Mulher, pois a mulher é metade da força de trabalho. Então, não podem ignorar isto.

JE – Mas não desloca as motivações e causas pelas quais o Dia foi criado?

Rose – Isso vai mudando de acordo com o tempo. Hoje temos uma meia dúzia de presidentes da República mulheres, e muitas outras se candidatando. É preciso que as reivindicações das mulheres,

para que sejam verdadeiras, entrem nas políticas públicas. Com muita dificuldade, estamos conseguindo aqui, no Brasil, leis como a Maria da Penha, que dá como crime hediondo a violência contra a mulher. Mas quase ninguém sabe que a violência contra a mulher é a base da violência do homem contra o homem, porque é a primeira violência vista pela criança. Desde que nasce a criança tende a achar natural uma violência e, depois, qualquer sociedade violenta, autoritária e excludente, e daí o caldo de cultura para a formação de um sistema econômico competitivo. Chamo de competitivo o “ganha, perde”, “matar ou morrer”, não é a emulação de você fazer, cada vez, coisas maiores e melhores, mas é aquela em que “se eu vou ganhar você vai perder”. Isto é uma coisa muito violenta, não? No começo da humanidade a economia era um “ganha, ganha”. A moeda era um sistema de troca que era integralmente usada, ela não era contaminada por impostos, por juros, por agiotagem. Tanto que eu fui fazer o cálculo e só sobra 40% de cada real para troca real. Então, antigamente, as moedas eram o quê? Eram conchas, pedras, depois veio o metal, e veio o juro. E, aí, danou-se. Na época em que a mulher era o gênero dominante, nos primeiros milhões de anos, não podia haver guerra porque os grupos, as clãs eram muito pequenas e não podiam guerrear uns contra os outros. Foi só quando o homem foi tomando das mãos da mulher o poder, que começou a guerra e a violência. E ele tomou das mulheres o poder, se revoltando, porque não sabia quem era o pai da criança...

JE – E isso a partir de quando?

Rose – No tempo dos hominídeos, quando era o gênero feminino que era hegemônico porque os homens não sabiam quem era o pai da criança e achavam que as mulheres

pariam dos deuses. Só há 20 mil anos atrás é que eles souberam qual era o ciclo de gestação, então souberam quem era o pai da criança.

JE – Ou seja, a violência começa em casa?

Rose – **A violência contra os povos começa no seio materno. É a maneira de dar o seio, de alimentar meninos e meninas, de fazer os estereótipos, é a maneira de você bater na mulher e não no homem.** É isso que faz uma sociedade hierarquizada e, portanto, privilegiada e, portanto, uma sociedade em que uma classe é inimiga da outra.

JE – Mulheres vêm ocupando postos importantes na sociedade, mas muitas assumem suas posições tendo por base procedimentos e ideologias machistas. É isso?

Rose – Sem dúvida. Elas usam o terninho, baixam o tom de voz, cortam o cabelo para parecer masculino... É uma primeira fase. Depois, vêm que isso não dá certo e começam a usar métodos femininos de administração. Nos EUA isso começou nos anos 80, em que as mulheres perceberam que seriam sempre machos castrados se fossem imitar os homens. Então, elas resolverem trazer os métodos que usavam em casa, isto é, ouvir os empregados, delegar serviço, cuidar...

JE – Mas apesar disso os EUA continuam fazendo guerras...

Rose – Viva o Sr. Bush. Eu estava lá no tempo do Clinton e não era assim, não. Era um pessoal que não era tão guerreiro. Por isso que chego a dizer que o Bush deve ser impotente, porque a violência vem junto com a impotência. Prefiro um homem mulherengo do que um guer-



reiro, impotente e abstrato. Bush, quando os EUA tinham o maior déficit do mundo e podia aumentar os benefícios sociais, e estava fazendo isso, com a guerra do Iraque diminuiu os impostos, favorecendo os ricos. Os pobres não ganharam nenhuma benesse da civilização; e então houve uma concentração de renda enorme. Isto quem disse foi o Paul Krugman. Em um artigo, ele disse que 58% estavam pobres, nos EUA, e não tinham recebido nenhuma benesse do aumento do PIB do país e que o 1% mais rico da população teve, fora ganhos de capital, um ganho de 282% , enquanto 0,1% obteve um ganho de 600%, fora ganhos de capital. Pode?

JE – Ou seja: no frigidar dos ovos, então, a presença da mulher nos escalões mais altos dos EUA não conseguiu reverter muita coisa...

Rose – Nem vai conseguir nunca, se não trouxer os valores femininos de solidariedade, de partilha. Se ela imitar o homem, não adianta nada. É por isso que grande parte das pequenas e médias empresas é guiada por mulheres, as mulheres são donas. Elas são hoje, nos EUA, 50% de todos os empresários, principalmente, nas médias e pequenas empresas, que empregam 80% do povo norte-americano, sendo que as 500 maiores empresas, por causa da robotização, da automação, só tendem a demitir. Se a mulher entrar na lógica masculina, o mundo está perdido; em vez disso, ela deve é fazer o mundo entrar na lógica feminina, da partilha, da solidariedade, a propriedade comum das coisas, o mundo governado por um colegiado de nações, só assim é que os problemas do aquecimento global poderão ser resolvidos. Se todos se juntarem e puserem os interesses

do mundo acima dos seus interesses particulares, só assim haverá ainda chances de reverter o processo do aquecimento global e da falta d'água, da desertificação, e tudo mais, que são violentíssimos.

JE – Formada em Física e Economia, como avalia os dados apontados pelo relatório dos cientistas, a respeito do aquecimento do planeta? É possível reverter esse processo?

Rose – O filme do Al Gore foi proibido nas escolas dos EUA, porque vai diretamente contra o modelo de consumo do país, que são dois terços do PIB americano. Mas o problema, em minha opinião, é também a China, que está se tornando o maior poluidor do mundo, junto com os EUA. Na Ásia, tem uma nuvem do tamanho de três Brasis, e três mil quilômetros de espessura de sujeira, que vai matar muita gente. Se essa nuvem se romper, quantas centenas de milhões de pessoas vão morrer? É a luta “economia” contra “ecologia”. Se não mudar o modelo econômico competitivo e predador, impossível salvar o mundo.

JE – Estamos, então, definitivamente neste rumo ou há indícios de alternativas para mudá-lo?

Rose – Há, sim. A Wangari Maathai ganhou Prêmio Nobel da Paz, é uma bióloga, negra. Ela plantou 30 milhões de árvores no Quênia, e a África é o continente mais devastado. E agora estão querendo plantar 20 bilhões de árvores. Se não sair plantando árvore pelo mundo e limpando as nascentes do lixo que as populações jogam – é a educação sócio-ambiental, que tem que ser dada com toda a urgência – Fritjof Capra diz, James Lovelock também, que se não cuidar do meio-ambiente, conviver com ele vai ser muito mais caro. Hoje há políticas públicas dando preço para floresta em pé, preço para não fazer nada com os rios... Tem que pagar aos países, senão o

peçoal vai desmatar a Amazônia para plantar soja. E vão comer o quê?

JE – E agora se fala da cana de açúcar para o etanol. Mas de que adianta se não mudar o modo de vida?

Rose – É, baixa um pouco, mas não adianta. O mundo inteiro está atrás do etanol e acho muito bom que se acabe com essas pastagens, com esses gados nos pastos, desertificando... O Rio Grande do Sul está desertificado, de tanto boi comer capim no pasto. Essa é a raiz da desertificação: não plantar árvore. Tem que plantar, mas não qualquer uma. Em cima do Aquífero Guarani, a Aracruz Celulose está botando eucalipto, que precisa 30 litros de água, por dia, cada árvore, para poder viver. Já imaginou botando milhões dessas árvores em cima da maior reserva de água doce que a gente tem para o século XXI; é a maior do mundo, e 60% dela estão no Brasil. Um dia sonhei que a humanidade era uma horda e que, pouco a pouco, estava me afastando desta horda... Eu me sinto fora da horda humana. Não posso fazer nada, só posso escrever e fazer isto que estou fazendo agora, falar.

JE – Você falou dos princípios de solidariedade e partilha comum às mulheres. E o sistema político e econômico, socialismo versus capitalismo...?

Rose – Socialismo é igualzinho ao capitalismo. Ele é tão competitivo quanto o capitalismo, porque a economia de Estado é pior do que uma economia que tenha vários partidos olhando. As maiores contas na Suíça, pelo menos, nos anos 60 e 70, eram de russos, que roubavam tudo que viam, drenados por aquela burocracia terrível. Você acha que alguma vez eu acreditei em socialismo? A cabeça é a mesma, porque ele foi conquistado pela



guerra, a violência, de cima para baixo, e não adiantou nada. Em três gerações, os jovens acabaram com o socialismo entre aspas, o “socialismo real”, porque viram

que não iriam nunca entrar no poder e que aquela casta violenta estava se eternizando no poder, uma casta riquíssima e um país paupérrimo.

JE – Mas este é um bom exemplo de socialismo...?

Rose – Mas qual, então, o da China...?

JE – Não existem exemplos...?

Rose – Tem o de Cuba, que é interessante... Toda a América Latina que pegou a Teologia da Libertação e usou para não assustar as populações, porque a Teologia usa a luta de classes, como metodologia de trabalho, e o cristianismo, pelos valores humanos, está mudando. Aí veio Rafael Correa, Evo Morales... Eles estão trabalhando. O Lopez Obrador perdeu por pura fraude feita pela CIA, hoje todo mundo sabe. Álvaro Uribe é o único no continente americano que é realmente pró-EUA, os outros são mais ou menos...

JE – Mas dá para atribuir à Teologia da Libertação...?

Rose – Também... Tanto que no Paraguai um bispo da Teologia da Libertação largou o bispado, sacerdócio e tudo e é o primeiro lugar, na preferência do povo paraguaio, para a presidência da República. Os pequenos países estão fazendo isso, e estão dando lições ao mundo. Eu quero mais é que Evo Morales nacionalize tudo. Não para o Estado, como no socialismo, mas que entregue para o povo boliviano gerir aquilo. O povo tem que se reorganizar. O socialismo, como dizia a Rosa de Luxemburgo, é o povo or-

ganizado, pluripartidário, e é o povo organizado que tem que gerir o Estado, senão não é socialismo.

JE – Mas hoje, com o poder da mídia e suas redes filtrando os discursos, o povo não fica muito submetido ao poder desse discurso?

Rose – Tanto está que o Lula ganhou, com 50% a mais do que o Alckmin. O povo deu uma lição nas mídias, e por quê? Porque o Lula dá eletricidade para todos, comida para o pessoal extremamente miserável, e melhorou em quatro milésimos o Índice de Gini, que já é um negócio enorme, significa a saída de milhões de pessoas da linha da miséria, e foi esse pessoal que deu uma surra na mídia. Quem está no domínio da mídia é a classe média, que é 7% da população.

JE – Você votou em Lula...?

Rose – Votei. Não ia votar no Alckmin, que é da Opus Dei. Eu conheço a Opus Dei. É o projeto de dominação do mundo, a partir do Vaticano controlador. Deus me livre! Igual à maçonaria, ao sionismo, a todos os projetos de dominação do mundo.

JE – Mas Lula não vem, também, reproduzindo e intensificando assimetrias...

Rose – É verdade, é verdade, mas por outro lado ele dá esmolas. E Dom Hélder, com quem aprendi que tem que se mudar as estruturas, ao mesmo tempo em que se dá esmola, porque a fome não espera. E é muito barato matar a fome de todo o povo brasileiro. O Eduardo Suplicy bem sabe. Sai muito mais barato do que pagar juro de dívida para banco. Um ano de lucro de banco daria para matar a fome de todo o povo brasileiro. Então, o Lula está acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo. Quero ver o segundo mandato. Eu não acredito nele, não, mas de certa maneira... Eu também não acreditava no Psol,

nesse pessoal radical que ia romper de uma vez com o capitalismo num país do tamanho deste. Isto você pode fazer na Bolívia, que é pequena, no Paraguai, no Equador... nem no Peru conseguiram. O Alan Garcia ganhou por fraude, pelo menos é o que se dizia na época...

JE – O que mudou na situação da mulher, hoje, e a da sua juventude?

Rose – Melhorou enormemente. Naquela época, o pessoal queimava sutiã inflável, unhas e cílios postiços. Escrevi um livro chamado “Valores humanos na construção da empresa”, que deveria se chamar “Valores femininos na construção da empresa”. Eu contei a história das pessoas do meio produtivo que estavam quebradas, homens, e usaram os valores produtivos, quer dizer, entregaram a administração da firma aos empregados. Abriram a capa preta, não só pagaram dívidas como ficaram riquíssimas. A única maneira de ganhar dinheiro é fazer uma gestão humana.

JE – E os homens, mudaram?

Rose – Estão apavorados... (risos), deprimidos... É o que eles dizem. Acho bobagem, porque se a mulher for ser bigoduda, deixo de ser mulher. **Ou você muda radicalmente o modelo ou, então, você refaz o modelo com uma dominação feminina em vez de uma dominação masculina e fica tudo na mesma. Tem que ser um modelo andrógino, de colaboração de fundo, de mulher com homem, acabando com a dominação da mulher com o homem.** Começa com o homem cuidando da criança. Eu me lembro que quando comecei a trabalhar com feminismo eu dizia: no dia que o homem for mãe o mundo se salva. E nas jovens gerações o homem cuida da criança como se fosse uma mãe...

JE – O que seria um modelo andrógino?

Rose – Não é bicha! Andros é homem e ginos é mulher. Porque os bichas se apropriaram da palavra andrógino, mas, para mim, o homossexual é o mais masculino dos homens, não tem direito de usar este nome, porque ele imita a mulher para se ver livre dela. Ele é o contrário do andrógino. E a lésbica é a mais feminina das mulheres, que imita o homem para se ver livre dele. Também não é andrógina. Andrógina somos nós, heterossexuais que queremos um mundo em que haja uma relação de fundo entre homem e mulher. E aí entra por um caminho teórico enorme, que pus no meu livro “Masculino, feminino”, que fiz junto com Leonardo Boff, que é outro andrógino, ótimo. Ele é muito doce, muito poeta e muito inteligente.

JE – Você escreveu um livro sobre a mulher impossível, que é sua autobiografia. Salvar o planeta é o desafio impossível dos dias de hoje?

Rose – Eu nasci cega e não podia aprender a ler, e li. No primeiro dia de minha vida não podia viver, e vivi. Tinha problemas cardíacos, septicemia, artrite, não podia casar e casei. Não podia ter filhos e tive, e estou aqui, com 75 anos. Se não fizer o impossível, não se salva o mundo, não. Esses jovens têm nos ombros uma tarefa que nenhuma geração teve na história humana: a de corrigir os erros que em milhares de gerações, acumulados, vieram ocorrer. Um horror, acho a espécie humana um horror.

JE – Você fala das novas gerações, mas os adolescentes estão morrendo nas ruas, nas guerras do tráfico...

Rose – Sei disso. Muitos dizem: “se eu morrer com 18 anos já está

bom”. Acho que não estamos dando nenhuma alternativa pra eles. Com a idade que tenho, sou muito pessimista porque vi um outro mundo. O mundo do tráfico começou em 1970, quando Delfin Neto iniciou o arrocho salarial. Vi como era antes, quando o salário mínimo tinha poder aquisitivo, vi começar o arrocho salarial e vi o que é agora. E foi exatamente em 1970 que começou o crime organizado, e eu perguntava: por que você está roubando? E eles diziam: porque o salário não dá para comer. E está aí, hoje estão riquíssimos. E matam como quem mata mosca. Principalmente, os jovens, de menos de 16 anos, que são iguais aos chineses: não dão valor algum para a vida humana. Vida humana ou nada, para eles, é a mesma coisa.

JE – Mas tudo isso gira em torno das drogas.

Rose – É o comércio mais rentável do mundo. Há três tipos de comércio: a economia legal, a informal e a ilegal. A economia ilegal é o

caixa dois das empresas, é a droga e é o dinheiro roubado nos superfaturamentos das obras públicas, e que, parece, soma uns US\$ 3 trilhões.

JE – Você defende a legalização das drogas?

Rose – Defendo, porque é o único jeito de se parar com o crime organizado. O grande problema nosso são os criminosos. As milícias, agora, tomam o lugar do tráfico. E o que acontece? O tráfico está vindo para as ruas, roubar carro, porque não têm mais o tráfico de drogas e querem continuar com aquele padrão de vida. Estamos reféns das milícias, que querem acabar com o tráfico e não deram solução para o problema do tráfico. Vai ser

uma guerra civil brutalíssima. E me disseram que a Alerj está eivada de gente de grupos de extermínio. Não conheço, não quero saber os nomes, mas ouço falar. **É o sistema, a impunidade. O sistema foi feito assim. No Velho Oeste era igualzinho a hoje, tudo era conseguido na ponta do revólver. É assombrosa a violência em que eles viviam, no século XVIII, na Europa, mantendo na África, na Ásia, a acumulação primitiva do capital que fez deles Estados de bem estar social.**

JE – Que nunca irá chegar até nós...

Rose – Não. Vai chegar assim, na base da esmola, quando você tem um operário ou um indígena como presidente, que tem sempre que brigar. Para um aristocrata como Fernando Henrique, nunca ia passar pela cabeça dele dar eletricidade para todos. Mas acho que é tarde demais. Acho que a gente não chega a 2050 por um único motivo, que quase ninguém leva em consideração. É que seremos 9 bilhões de pessoas. Se o mundo já não dá para 6, 7 bilhões, imagina para 9...?

JE – Nós não teremos mais um século, neste planeta...?

Rose – É. O dióxido de carbono leva 300 anos para sair da atmosfera. Nós ainda estamos, na atmosfera, com o dióxido de carbono da civilização do carvão da primeira revolução industrial. Por isso tem que fazer o que for possível, fazer etanol, plantar árvore, fechar cisternas, para não deixar evaporar água, fazer feira de troca para evitar gastar dinheiro e evitar o consumo, diminuir enormemente o desperdício, fazer obras de infra-estrutura baratas, que sejam apropriadas para povos meio-desenvolvidos como o nosso, e não pensar que estamos no melhor do mundo.

JE – E qual papel da mulher para interromper esse rumo catastrófico?

Rose – Mas são elas que estão fazendo, plantando árvores, são elas 90% dos movimentos ecológicos, são elas 90% dos movimentos anti-guerra, são elas 70% das lutas populares, elas estão entrando na história assim, diferentemente dos homens. Tem aí a Hillary Clinton, apesar de lá, eu achar que quem vai ganhar é Al Gore, um ambientalista.

JE – E aqui, no Brasil? Não se vê, por exemplo, mulheres indo às ruas defender, por exemplo, questões ambientais.

Rose – Não existe mais movimento de mulheres como você pensa. Existe movimento de mulheres engajadas, inclusive, as ambientalistas. Mas não existem movimentos de mulheres como nos anos 70, isto não tem mais sentido. Todas as mulheres feministas que conheço estão engajadas no Estado, porque é aí que têm que estar. Tanto aqui quanto nos EUA. A forma de luta mudou muito, as mulheres estão em todas as frentes. Isto é uma revolução silenciosa, que vai levar algumas dezenas de anos. Mas para mim o pior exemplo é o dos homens, que já conheciam as técnicas da fusão nuclear, que é a única energia limpa e não fizeram por causa do interesse das indústrias petrolíferas. E estão fazendo agora, na Europa, o primeiro reator à fusão, agora que é tarde demais.

JE – Mas não é via enriquecimento de urânio?

Rose – Não, é via fusão dos átomos leves de hidrogênio que só se fundem a temperaturas altíssimas, e eles já sabem controlar isto. Mas para fazer um negócio deste tem que juntar vários países, porque é muito caro. É caro, mas depois a energia fica a custo zero. Tem que mudar a natureza do dinheiro. Enquanto não mudar a natureza do dinheiro não se consegue fazer nada. E esta é a minha luta.



Mão-de-obra feminina em Nova Iguaçu

A luta da mulher para conquistar seu espaço no mercado de trabalho tem rompido as barreiras dos séculos. Há quem afirme que este atual será conhecido como "século das mulheres", uma vez que o mundo anda apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe, contra o antigo individualismo; a persuasão em oposição ao autoritarismo; a cooperação no lugar da competição.



■ Rogério Rocha*
Emerson Araújo**
Leandra Rosa
e Nelza Curambigua***

Hoje as mulheres já ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo. Não há dúvidas de que, nos últimos anos, a participação da mulher foi ampliada no mercado de trabalho. Muito desse aumento decorre, entre outros fatores, da mudança da identidade feminina, da queda de fecundidade, da elevação da escolaridade da

mulher e da necessidade de complementação de renda familiar.

Mesmo com tantas especificidades que envolvem a entrada da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho – como características pessoais e conjugais, a presença de filhos, o papel exercido dentro do grupo familiar – sua participação tem aumentado ao longo dos anos. Este fenômeno mundial tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, e o Brasil não é exceção.

Algumas pesquisas têm revelado uma substancial melhoria da força de trabalho feminina, principalmente em relação aos postos de trabalho que exigem maior escolaridade e, conseqüentemente, oferecem maio-

res salários. Evidentemente, esse fato, em um primeiro momento, nos parece muito exitoso e passa a ser entendido como uma resposta a vários anos de luta das mulheres, contra a desigualdade salarial e a desigualdade de gênero, no país.

Dupla discriminação: mulher e negra

No entanto, essas desigualdades ainda persistem entre homens e mulheres, como revela a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2005. De maneira geral, no Brasil, as mulheres ganham o equivalente a 71% do salário dos homens. E esse problema afeta especialmente as profissões

de salário mais baixo. Quando sobem na carreira e adquirem maior qualificação, as mulheres têm seu talento mais bem remunerado.

Essa desigualdade salarial entre homens e mulheres torna-se mais acentuada quando se trata de mulheres negras, ou seja, a diferença de salário entre homens e mulheres brancas é infinitamente menor entre homens e mulheres negras. Para se ter uma idéia, homens, mulheres brancas e negras ganham em média R\$ 870, R\$ 617 e R\$ 302, por mês, respectivamente.

Nesta análise vemos que quem mais sofre são as mulheres negras que, quase sempre, começam (e passam) a vida trabalhando como empregadas domésticas ou babás.

É um ranço da cultura escravocrata que permanece no Brasil do século XXI. Segundo o IBGE, 13,7% das negras que trabalham são domésticas, contra 9,1% das pardas e 6,3% das brancas.

Uma pesquisa realizada pelo Ipea, sobre o diferencial de rendimentos entre homens e mulheres, constatou que essas diferenças podem advir de três causas: qualificações diversas, inserção no mercado de trabalho de forma desigual ou um diferencial salarial puro. Ficou constatado que, em relação às mulheres brancas, ocorre uma desigualdade salarial pura. Já as negras, além do mesmo diferencial que as mulheres brancas, sofrem com as dificuldades de inserção no mercado, devido a sua menor qualificação. Todos esses diferenciais são comparados aos rendimentos dos homens, que são os que con-

seguem as melhores remunerações no mercado de trabalho.

Realidade em Nova Iguaçu

No município de Nova Iguaçu não tem sido diferente. A cada ano, aumenta o número de mulheres no mercado de trabalho, tanto formal quanto informal. Fatores como aumento do grau de instrução das mulheres e a necessidade de complemento da renda familiar, devido à queda da renda das famílias, podem ter contribuído para o aumento das mulheres no mercado de trabalho, no município.

Isso fica evidente quando observarmos os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho, de 2005. Mostram que do total de postos de trabalho formal, em Nova Iguaçu

(69.493), cerca de 40% (28.063) são ocupados por mulheres, que estão alocadas, em sua maioria, em atividades do setor de comércio e serviços. Esses dois setores representam, juntos, 89% do total de trabalhadoras do município. Dentre suas atividades podemos citar: professoras, trabalhadoras da saúde, comerciantes, cabeleireiras, manicuras, funcionárias públicas etc.

Em relação à escolaridade, observamos que a quantidade de mulheres empregadas no município com mais alta escolaridade está crescendo a cada ano. A quantidade de mulheres com segundo grau completo, superior completo e incompleto ultrapassa a de homens. Apesar de ter havido uma expansão em seu nível de escolaridade, elas não são valorizadas e estão presentes em atividades econômicas menos organizadas, ge-

ralmente, no setor terciário.

A faixa salarial que mais possui trabalhador empregado é a de um e meio a três salários mínimos, para ambos os sexos. A boa notícia é que, gradualmente, tem aumentado o número de mulheres na faixa salarial que vai de cinco até 10 salários mínimos. Ou seja, as mulheres, aos poucos, têm vencido as barreiras das desigualdades.

Embora muitas pendências precisem ser resolvidas no campo social e trabalhista, relacionadas à desigualdade salarial e de gênero, as mulheres gradativamente estão conquistando maiores faixas salariais, além de estarem obtendo um maior grau de escolaridade em relação aos homens.

*Economista, Prof. da UniverCidade

** Estudante de ADM UFRJ

*** Estudantes de Economia UFRJ

Corecon-RJ - Balanço Patrimonial – Ativo (Em R\$)

REFERÊNCIAS	JAN A DEZ/05	JAN A DEZ/06	REFERÊNCIAS	JAN A DEZ/05	JAN A DEZ/06
ATIVO FINANCEIRO	443.719,32	1.029.797,12	PASSIVO FINANCEIRO	4.353,34	2.009,25
DISPONÍVEL	80.154,00	71.167,05	DEPÓSITOS DE DIVERSAS ORIGENS	546,90	-
DISPONÍVEL VINCULADO A C/C BANCARIA	319.142,26	920.587,63	CONSIGNAÇÕES	-	143,34
REALIZÁVEL	13.013,00	7.826,38	CREDORES DA ENTIDADE	2.066,21	1.014,95
RESULTADO PENDENTE	31.410,06	30.216,06	ENTIDADES PÚBLICAS CREDORAS	1.740,23	850,96
ATIVO PERMANENTE	6.077.072,49	7.189.758,01	RESULTADO PENDENTE	150,00	400,00
BENS PATRIMONIAIS	1.135.129,55	1.254.664,99	DESPESAS DE SUPRIMENTO A COMPROVAR	150,00	400,00
VALORES	1.117,64	1.117,64	PATRIMÔNIO(ATIVO REAL LÍQUIDO)	6.516.288,47	8.217.145,88
CRÉDITOS	4.940.825,30	5.933.975,38			
TOTAL GERAL	6.520.791,81	8.219.555,13	TOTAL GERAL	6.520.791,81	8.219.555,13

Demonstrativo das Receitas e Despesas

REFERÊNCIAS	PERÍODOS EM REAIS		REFERÊNCIAS	VARIACIONES	
	JAN A DEZ/05	JAN A DEZ/06		(EM R\$)	(EM %)
RECEITAS			RECEITAS		
ANUIDADES	2.303.089,52	2.535.365,19	ANUIDADES	232.275,67	10,1
PATRIMONIAL	55.814,66	102.170,01	PATRIMONIAL	46.355,35	83,1
SERVIÇOS	34.980,77	67.548,07	SERVIÇOS	32.567,30	93,1
MULTAS E JUROS DE MORA	398,94	-	MULTAS E JUROS DE MORA	(398,94)	-
DÍVIDA ATIVA	258.133,45	837.265,53	DÍVIDA ATIVA	579.132,08	224,4
DIVERSAS	526.994,14	316.600,53	DIVERSAS	(210.393,61)	-39,9
TOTAL GERAL	3.179.411,48	3.858.949,33	TOTAL GERAL	679.537,85	21,4
DESPESAS			DESPESAS		
DE CUSTEIO	2.325.958,32	2.414.517,35	DE CUSTEIO	88.559,03	3,8
PESSOAL	1.135.814,58	1.087.393,50	PESSOAL	(48.421,08)	-4,3
MATERIAL DE CONSUMO	43.379,24	47.879,19	MATERIAL DE CONSUMO	4.499,95	10,4
SERVIÇOS DE TERCEIROS E ENCARGOS	1.146.764,50	1.279.244,66	SERVIÇOS DE TERCEIROS E ENCARGOS	132.480,16	11,6
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	582.175,52	736.474,65	TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	154.299,13	26,5
DESPESAS DE CAPITAL	73.647,42	119.535,44	DESPESAS DE CAPITAL	45.888,02	62,3
TOTAL GERAL	2.981.781,26	3.270.527,44	TOTAL GERAL	288.746,18	9,7
RESULTADO = RECEITAS - DESPESAS	197.630,22	588.421,89	RESULTADO = RECEITAS - DESPESAS	390.791,67	197,7

Sonho
realizado em
1 minuto?

Crédito **minuto**

 **Banrisul**
www.banrisul.com.br

Um dos grandes trunfos da prefeitura do Rio, para trazer o Pan para a cidade, foi o legado social que seria deixado

Prefeitura “esquece” metas da Agenda Social

para os cariocas, após os Jogos. Desde o início, o Fórum vem lutando para que este legado seja o mais positivo possível para a população. Como já divulgado em outras edições, o legado social dar-se-á em grande parte pelo atendimento das 43 metas estabelecidas na Agenda Social do Pan. Tal Agenda divide as metas em seis grandes eixos: Crianças e Adolescentes; Jovens, Mulheres e Gênero; Idosos; Portadores de Deficiência; População em extremo risco social; e Programas/Projetos Transversais (atendem a vários grupos populacionais). Todas essas metas podem ser conferidas na página virtual do Comitê Social do Pan.

Uma das dificuldades encontradas para acompanhar a execução dessas metas era relacioná-las com as ações previstas nas leis orçamentárias municipais. Após solicitação de informações, através da Câmara, encontramos 54 ações, distribuídas em cerca de 10 órgãos da prefeitura, no período 2003/07, que estão de alguma forma relacionadas com o atendimento das metas da Agenda Social, coadunadas ao Plano Plurianual (2006/9).

Um outro problema encontrado é com relação à coordenação da Agenda Social. Em audiência pública realizada na Câmara, em 23/5/05, o Secretário Especial Rio 2007, Ruy Cezar, afirmou: “No decreto em que o prefeito cria a Secretaria Especial dos Jogos Pan-Americanos, ele determina que a Agenda Social do Pan fique sob responsabilidade da Secretaria de Assistência Social. O secretário Marcelo Garcia assumiu a responsabilidade da Agenda”. Entretanto, segundo o próprio Marcelo Garcia, as ações da Agenda estão distribuídas em diversas secretarias e, portanto, ele somente responde pelas ações da sua Secretaria.

Após um longo período de “esquecimento” da Agenda Social, encontramos na página virtual da

prefeitura informações sobre tais metas. Para nossa surpresa, são apresentadas apenas 14 das 43 metas. Na mesma página são divulgados indicadores que apontam o atendimento de grande parte das metas selecionadas, o que é motivo de satisfação. Entretanto, logo na primeira meta citada, da área de Educação, que determina que em 2007 haja 120 mil matriculados na pré-escola, e que em 2005 já tinham alcançado um total de 99 mil matriculados, ao conferirmos os dados para o ano de 2006, verificamos que em vez de continuar cres-

cendo, o número de alunos na pré-escola caiu em 5 %, ou 4.773 alunos a menos matriculados. O mesmo acontece com a meta de ampliação das vagas em creches. Em vez de 43 mil, anunciados em 2005, tínhamos 35.500 matriculadas, em 2006. Ou seja, uma redução de 17,5%. (Fonte: Instituto Pereira Passos).

Outras metas importantes foram desconsideradas. Entre estas, as seguintes: Ampliação das Escolas Promotoras de Saúde, de forma que as mesmas estejam presentes em 100% das áreas definidas como prioritárias pela Agenda So-

cial; Adaptar, para acessibilidade de portadores de deficiência, 100% dos prédios das instituições públicas municipais até 2007; Promover a urbanização, através dos programas Favela-Bairro e Morar Legal, de 50% das comunidades carentes, até 2007, e de 100%, até 2012, de forma a integrar tais comunidades aos bairros; Capacitar 40 mil crianças, adolescentes e jovens, até 2007, e 100 mil, até 2012, para tornarem-se agentes de prevenção à dependência química. Todas essas ações representariam um avanço considerável na busca pela justiça social.

Os recursos da Agenda Social

Como em edições anteriores, sistematizamos as rubricas pertinentes à Agenda Social, na tentativa de verificar quanto do Orçamento municipal está sendo destinado ao seu cumprimento. No ano de 2007, as dotações iniciais dos programas de trabalho somam cerca de R\$ 425 milhões, o que representa 4,5% do total da despesa prevista.

Entre os anos analisados, este valor só é maior do que o de 2005. Em compensação, neste ano, o total liquidado foi de cerca de R\$ 462 milhões, quase R\$ 80 milhões a mais que o previsto, inicialmente. Já em 2004, foram liquidados R\$ 526 milhões para dotação inicial de R\$ 670 milhões. Em 2006, os valores são mais modestos, sendo tanto

a dotação inicial, quanto o liquidado em torno de R\$ 438 milhões.

É preciso ficar atento tanto ao cumprimento das metas estabelecidas quanto à qualidade dos gastos realizados. O que se espera é que os Jogos Pan Americanos deixem um saldo positivo para a cidade. A situação atual não é tão satisfatória, quanto aquela apresentada pela prefeitura. Se não houver responsabilização e comprometimento, por parte dos órgãos municipais envolvidos com a Agenda Social do Pan, ao término deles, como a prefeitura anuncia, teremos que recuperar o tempo perdido.

Em tempo: até a realização dos jogos, faremos uma análise sobre a atuação das outras esferas governamentais envolvidas, ou seja, os governos federal e estadual.

Página virtual da Prefeitura: www.rio.rj.gov.br

A página virtual do Comitê Social do Pan está abrigada dentro da página do FPO-RJ.

III Prêmio Corecon-RJ de Jornalismo Econômico

Jornalista destaca importância da premiação

■ No último dia 14 de março, em solenidade no Plenário da OAB do Rio de Janeiro, foram entregues as premiações aos vencedores do III Prêmio Corecon-RJ de Jornalismo Econômico.

Vencedora com a reportagem “Contas polêmicas: custo do trabalho em xeque”, publicada em 20 de novembro de 2005, pelo jornal O Globo, a jornalista Cássia Almeida destacou a importância da premiação promovida pelo Corecon-RJ, como forma de incentivar a produção de um jornalismo crítico, atento às principais questões da sociedade contemporânea.

Foram também premiados os jornalistas Rogério Lessa, segundo colocado, autor da matéria “Trans-



Os três jornalistas premiados pelo Corecon-RJ. Ao lado, Cássia Almeida, primeira colocada, destacou a importância do prêmio como incentivo à produção de um jornalismo crítico.



fusão de renda à moda Hood Robin”, publicada pelo jornal Monitor Mercantil, em 26 de julho de 2006, e Júlio César de Freixo Lobo,

do jornal Inverta, menção honrosa pelo texto publicado na edição de 10 a 22 de fevereiro do ano passado, sob o título “O reajuste do salá-

rio mínimo e o seu valor histórico”. Os vencedores receberam prêmios em dinheiro, mais diversas publicações de obras de economia.

Agenda de cursos

MATEMÁTICA - 70 horas-aula - De março a outubro, às quartas-feiras, das 18h às 20h - André Gaglianone Kasprzykowski (Professor da disciplina Cálculo no Curso da Anpec) - Economista: R\$ 90,00 por mês, de acordo com o tópico de interesse - Estudante de Economia: R\$ 72,00 por mês

MATEMÁTICA APLICADA À TEORIA ECONÔMICA - 30 horas-aula - 16 de abril a 18 de junho às segundas-feiras, de 14h30 às 17h - Carlos Maximiliano Monteiro (Professor da UCAM) - Valor para Economista: R\$ 330,00 à vista ou 4 x de R\$83,00 - Valor para estudante de Economia: R\$ 266,00 ou 4 x de R\$66,50

ANÁLISE MACROECONÔMICA - 33 horas-aula - de 3 de maio a 19 de julho, das 18h30 às 21h30 - Carlos Maximiliano Monteiro (Professor da UCAM) - Economista: R\$ 380,00 à vista ou 4 x R\$95,00 - Estudante de Economia: R\$ 304,00 ou 4 x R\$ 76,00

MICROECONOMIA - 30 horas-aula - de 8 de maio a 10 de julho, das 18h45 às 21h30 - às terças-feiras - Jorge Claudio Cavalcante Lima (Professor da UFRJ - Economista BNDES) - Economista: R\$ 330,00 à vista ou 4 x de R\$83,00 - Estudante de Economia: R\$ 266,00 ou 4 x de R\$66,50

MATEMÁTICA FINANCEIRA - 30 horas-aula - 28 de maio a 29 de junho, às segundas e sextas-feiras, das 18h45 às 21h30 - Sílvia dos Reis Alcântara Duarte (Professora do IBMEC) - Economista: R\$ 330,00 à vista ou 4 x de R\$83,00 - Estudante de Economia: R\$ 266,00 ou 4 x de R\$66,50

ESTATÍSTICA - 30 horas-aula - TURMA 1 - 2 de julho a 3 de agosto, às segundas e sextas-feiras, das 18h45 às 21h30 - TURMA 2 - de 4 de julho a 3 de agosto, das 18h45 às 21h30, às quartas e sextas-feiras - Marcia Marques de Carvalho (Professora da UCAM) - Economista: R\$ 348,00 à vista ou R\$ 87,00 x 4 - Estudante de Economia: R\$ 280,00 à vista ou R\$ 70,00 x 4

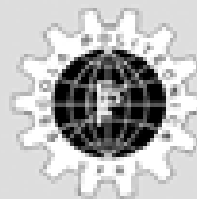
ECONOMIA E MEIO AMBIENTE: UMA INTRODUÇÃO AO TEMA E APRESENTAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO - 24 horas-aula - 24 de julho a 4 de agosto - às terças, quintas e sábados - terças e quintas das 18h45 às 21h30 e sábados das 9h30 às 12h - Claudia Lucia Bisaggio Soares (Professora da UFSC) - Economista: R\$ 390,00 ou 4 x de R\$97,50 - Estudante de Economia: R\$ 312,00 ou 4 x de R\$78,00

CURSO DE INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA: O PENSAMENTO DE KARL MARX - 30 horas-aula - 6 de agosto a 8 de outubro - às segundas-feiras das 18h45 às 21h30 - ablo Bielschowsky (Mestre UFRJ) e Rodrigo Castelo Branco (Mestre UFRJ) - Preço único R\$220,00 ou 4 x R\$55,00

Maiores informações sobre preços, descontos, formas de pagamento e inscrições podem ser obtidas no Portal dos Economistas.

www.economistas.org.br - Telefones: (21)2103-0118 e 2103-0119

Os MBAs da POLI/UFRJ estão na Barra. Associados ao CORECON têm 10% de desconto no investimento e 50% na matrícula. Dê mais peso ao seu currículo! Matrículas abertas para 2007, consulte-nos.



Universidade Federal
do Rio de Janeiro
Escola Politécnica



- Gestão de Finanças (Executive MBA)
- Gestão Empresarial (Executive MBA)
- Gestão em Marketing (Executive MBA)
- Gestão Ambiental (Pós-Graduação)
- T. L. Meio ambiente Petróleo e Gás
- T. L. Saúde
- Engenharia de Software (MBA)



☎ 2498-1361
www.iaex.com.br